

## A crise e o "retorno" da história literária

"Il est de mise, aujourd' hui, de condamner tout ce acquis à cause des carences qu' il comporte. C' est 'jeter le bébé avec l' eau du bain'." (Kushner, 1989: 110)

O estudo das línguas e literaturas modernas teve como espaço discursivo e disciplinar fundadores a história literária das **nações**, que mantém ainda hoje uma função reguladora em relação aos planos de estudo do ensino secundário e superior, presidindo à própria lógica das divisões departamentais e dos vários ramos das Ciências da Literatura, com as suas subdivisões nacionais e epocais, agregadoras dos diversos autores e das suas obras (escalonadas por géneros), o que se reflecte de forma visível na biblioteconomia <sup>1</sup>.

Esta longa persistência e dominação escolar da história literária é surpreendente quando comparada com o seu *ocaso* (Wellek, 1983) e esgotamento enquanto formação discursiva: "A forma da história literária que herdámos sobrevive apenas, na vida intelectual do nosso tempo, através de uma existência de miséria." (Jauss, 1993 [1973]: 19). Vítima das dificuldades do seu objecto e dos seus exageros (factualismo, nacionalismo), alvo de um longo processo crítico no século XX pelos "grandes movimentos de teoria e crítica literárias da primeira metade do século - o formalismo russo, o *new criticism* anglo-americano, a estilística" (Aguiar e Silva, 1990: 28), a história literária foi marginalizada no âmbito do campo dos estudos literários, num processo que João Barrento denominou "o grande cisma" (1986b: 12-6). A longa crise que a história literária atravessou deveu-se em particular à crise do próprio conceito de história que a suportava, e à questionação da perspectiva da literatura como expressão da sociedade, que fazia da história da literatura uma espécie de sociologia e de psicologia social ao serviço do "poder simbólico" e político <sup>2</sup>.

Por outro lado, o ocaso da história literária resulta em particular da desvalorização dos ideais ao serviço dos quais funcionava como património cultural e simbólico: a nação, a identidade nacional, o patriotismo e a consciência cívico-moral. A história geral e a história literária estavam demasiado hipotecadas ao poder político. A literatura, em busca da sua autonomia estética, recusa este pacto faustiano, numa sistemática "fuga à história" <sup>3</sup>, uma espécie

de "cronofobia" (Merquior, *apud* Pimentel, 1991: 27). Deste modo, a crise da história literária revela uma descrença na "razão histórica" e nos seus mitos <sup>4</sup>, que em última instância resulta da crise da própria modernidade e dos seus avatares (progresso, superação), o que se traduz no desencanto e decadentismo da modernidade estética e no agnosticismo pós-moderno face à modernidade iluminista <sup>5</sup>.

O ataque à história literária começa em finais do século XIX, com o esteticismo finissecular, que considerava que ela não podia explicar o "génio" e o valor diferenciado das obras literárias, para além da crítica mais global de que não dava qualquer relevo à dimensão estética, enfatizando o social e o colectivo (Perkins, 1992: 7). Parece também claro que a história literária estava demasiado identificada com o Positivismo, que descurava a dimensão estética das obras, pelo que terá sido um alvo preferencial dos adversários deste, em função do neoidealismo epocal (neokantismo, bergsonismo, fenomenologia, etc.) (Barrento, 1986b: 14). Se os formalistas russos são pioneiros na análise imanente dos textos e do sistema literário, o *new criticism* rejeita o programa da história literária, cujas aporias (períodos, géneros, etc.) a poética da desconstrução destacou (cf. Derrida, 1980 e de Man, 1983). De um modo global, as teorias formalistas da primeira metade deste século (e depois o estruturalismo) desvalorizam a dimensão diacrónica dos fenómenos literários, à semelhança da linguística saussuriana, colocando a ênfase na sincronia e na imanência textual.

É necessário também ter em conta que, como sublinha G. Petronio, a imagem que uma época tem da literatura condiciona a ideia que ela produz do seu processo histórico e a própria modelização da história literária (1990a: 159). Por consequência, não surpreende que a emergência e o esplendor da história literária se dê quando predominou um conceito de literatura como expressão da sociedade, quer com os românticos, quer com os positivistas. Por seu turno, a história literária é desvalorizada pelas concepções individualistas da arte (neoidealismo italiano, simbolismo, etc.), que põem a tónica na autonomia estética da literatura, como as teorias formalistas da literatura e as práticas literárias da literatura moderna e contemporânea (arte pela arte, modernismo, vanguardas) <sup>6</sup>. Com efeito, uma das principais críticas elaboradas à história literária foi o seu esquecimento da "literatura" enquanto monumento estético e o facto de utilizar os textos literários como "documentos" (da sociedade, da história, etc...), numa abordagem

extrínseca, centrando-se no que é exterior à obra literária. É esse aspecto que Claude Pichois denuncia no lansonismo (e não em Lanson), votado ao estudo do autor, da época, dos géneros e das fontes, "comme si l'oeuvre elle-même était mise entre parenthèses, intervenait l'influence qu'elle avait exercée... C'était le système de la Grande Ceinture, cette voie ferrée, je le dis pour nos amis étrangers, qui faisait le tour de Paris sans jamais pénétrer dans la capitale." (1995: 25) <sup>7</sup>.

Assim, se a valorização da história literária passa pela atenção privilegiada à forma e à substância do conteúdo, que permitem um acesso ao contexto, a sua desvalorização resulta do predomínio da atenção à forma e substância da expressão, ao texto literário propriamente dito. Hans R. Jauss critica o marxismo e o formalismo como exemplos do extremar de ambas as posições (numa espécie de reatualização do confronto do positivismo com o idealismo), porque aumentam o abismo entre a literatura e a história (cf. 1993 [1973]: cap. III). Não obstante os excessos (do documentalismo puro ao textualismo total) e a existência de algumas tentativas de compromisso, a grande questão consiste na possibilidade de aplicar o modelo histórico à literatura e às obras literárias, de articular a literatura com o discurso da história, dado o carácter paradoxal da obra literária: "les formes résistent, ou, ce qui est pire, elles ne changent pas au même rythme." (Barthes, 1979: 138). A dificuldade de passar da literatura à história ensina "qu'il y a un statut particulier de la création littéraire; que non seulement on ne peut traiter la littérature comme n'importe quel autre produit historique (...), mais encore que cette spécialité de l'oeuvre contredit dans une certaine mesure à l'histoire, bref que l'oeuvre est essentiellement paradoxale, qu'elle est à la fois signe d'une histoire, et résistance à cette histoire." (*id.*: 139) <sup>8</sup>. Nas histórias da literatura, "tout le monde sent bien que l'oeuvre échappe, qu'elle est autre chose que son histoire même." (*ibid.*). O estatuto particular do texto literário torna difícil a sua articulação com o discurso histórico, pois a literatura "resiste" duplamente à história, quer à historicidade do seu tempo (funcionando como "história crítica"), quer à própria passagem do tempo, pois a obra literária é, de certo modo atemporal, é do seu tempo e de todas as épocas <sup>9</sup>.

Esta aporia ontológica conduz à questionação da própria "possibilidade" da história literária como disciplina, como no sugestivo título de David Perkins, *Is Literary History Possible* ? (1992), que retoma uma interrogação de René Wellek de meados do século XX:

"Será possível escrever história literária, isto é, uma coisa que seja simultaneamente literária e uma história ? " (s/d: 315); "A maioria das principais histórias da literatura são ou histórias da civilização ou colectâneas de ensaios críticos. O primeiro tipo não é história de *arte*; o segundo não é *história* de arte." (*id.*: 317) (cf. 1983) <sup>10</sup>.

A excepção era, segundo Wellek, a *Storia della letterature italiana*, de Francesco De Sanctis: "De Sanctis era riuscito a scrivere una storia letteraria che era ao tempo stesso storia e letteratura. Si tratta di un' impresa unica, almeno nel diciannovesimo secolo, e per rendersene conto basta dare un' occhiata ai predecessori e ai rivali che De Sanctis ebbe in Italia e altrove." (1990: I).

Croce, que admirava De Sanctis, censurou-lhe o facto de seguir o modelo "extrapoético" da história literária romântica, ao fazer a história política, intelectual e moral do povo italiano reflectidas na sua poesia e na sua literatura, mas elogiou-o por conferir relevo à dimensão estética: "ma sta di fatto che le caratteristiche degli scrittori vi sono di solito così individuate e vive, e il giudizio estetico di essi così squisito, da soverchiare lo schema extrartistico, in cui il De Sanctis li venne talore disponendo." (1996 [1919]: 412). No entanto, e em última instância, afirma que a sua sensibilidade estética não o salvou dos erros do modelo romântico e hegeliano que seguiu (1994 [1936]: 144). É que em Croce só o estudo monográfico das individualidades poéticas podia dar conta da dimensão estética, em nome da qual recusa a história literária <sup>11</sup>.

Em última instância, a concepção de Croce da poesia como intuição individual e da estética como fenómeno irreduzível à história, conduzem-no à recusa da história literária, apenas admitindo a possibilidade de estudos monográficos, que quando muito poderiam compor uma espécie de enciclopédia. No seu entender, a história da poesia é "in ultima analisi, una immaginazioni di filologi, che, nel notare astratte somiglianze e attinenze tra le opere poetiche, le dispongono in una attinenze tra le opere poetiche, le dispongono in una catena e s' immaginano che, nella catena da loro costruita, abbiano soffiato una 'vis generativa', che l' ha tramuttata in un ordine biblico di generazioni." (1994 [1936]: 136) <sup>12</sup>.

Croce prevê a objecção de que assim a história artístico-literária se reduz a "una serie di saggi e monografie, senza nesso tra loro", mas pensa que esse nexos se encontrará "da tutta la storia humana, della quale le personalità poetiche sono parte e parte assai cospicua", embora mantendo " il loro proprio e originale rilievo e carattere." (*id.*: 286). Deste modo, salvaguarda a dimensão histórica da poesia, mas enquanto história específica da poesia: "il suo andar oltre e

creare consiste nell' intuitivo congiungimento e fusione del particolare con l' universale, dell' individuo col cosmo" (1994 [1936]: 87). A "verdadeira história" da literatura e da arte deveria assim focar "la característica del singolo artista, cioè della sua personalità e dell' opera sua, le quali formano tutt' uno." (1996 [1919]: 412). Essa era, em suma, a "reforma" da história literária e artística que Croce preconizava:

"la vera forma logica della storiografia letterario-artistica è la caratteristica del singolo artista e dell' opera sua, e la corrispondente forma didascalica, il saggio e la monografia. La riforma, della quale ho parlato, non vuol essere altro, per l' appunto, che la sostituzione della storia individualizzante alla storia per concetti generali dei romantici e dei vecchi idealisti; o, piuttosto, la liberazione della prima dalla seconda, nel cui guscio essa diè i primi guizzi di vita, rimanendovi poi più o meno impigliata ed oppressa." (*id.*: 415).

Se a história literária tem, como observa Genette, os problemas de método da história geral (1972b: 20), não deixa de ser pertinente interrogarmo-nos até que ponto será a literatura "historiável", como se depreende da expressão "história da literatura" <sup>13</sup>. Outra aporia da história literária decorrente da "resistência" da literatura a um método de estudo histórico consiste no facto de não existir necessariamente progresso histórico na literatura (e na arte em geral), pois o que vem depois não é necessariamente melhor <sup>14</sup>. É esta incomensurabilidade que conduz R. Wellek a proclamar o ocaso da história literária: "No hay ni progreso, ni desarrollo, ni historia del arte a excepción de la historia de los escritores, las instituciones y las técnicas. Esto viene a ser, al menos para mí, el fin de una ilusión, el ocaso de la historia literaria." (1983: 260).

Este irreduzível divórcio acabava, aliás, de ser proclamado por Roland Barthes - *Histoire ou littérature ?* (1979: 6, 140) - em termos de uma exclusão mútua, que metaforizou na incomunicabilidade entre dois continentes, a história e a literatura (*id.*: 138), como se não existisse alternativa entre a *documentalização* historicista e a *monumentalização* estetizante (e formalista) <sup>15</sup>.

Parece-nos, porém, legítimo colocar a questão de outro modo: "It is conceivable to think of university scholarly study (*Wissenschaft*) of literature 'after history' ?" (Bahti, 1992: 292) <sup>16</sup>. De facto, o conjunto de práticas discursivas relativas ao que há dois séculos e meio foi designado como literatura viveu antes num espaço discursivo dominado pela Poética e pela Retórica e numa esfera ahistórica (cf. Weinrich, 1995: 71-3). Por outro lado, por si só, a existência de obras e de

escritores não garantem a necessidade da "existencia de la *poesía*, tal como hoy la entendemos, como *corpus* nacional, culturalmente operativo e historiable." (Ramos-Gascón, 1989: 209). No entanto, a história literária no século XIX exerce ainda uma forte influência no campo dos estudos literários, pelo menos em termos curriculares, não obstante a crescente influência da Teoria da Literatura a partir de meados do século XX. Esta longa persistência "leaves history today a horizon beyond which we can scarcely think. Literary studies in the university are still the heir to the historicism after Hegel." (Bahti, 1992: 291) <sup>17</sup>. Hoje, porém, a crescente teorização sobre a história literária contrasta, de modo flagrante, com a escassez da sua produção. Pelo contrário, no passado escreviam-se muitas *histórias* da literatura e teorizava-se pouco sobre a história literária, o que, no mínimo, revela uma certa incompatibilidade entre a teoria e a história <sup>18</sup>. Mas a literatura emergiu na "Idade da História" e justificou-se na sua historicidade e relatividade, como produto de uma dada época e de uma sociedade, em oposição à "Grande Ordem" clássica, com a sua Poética atemporal e universal. Por consequência, como salienta S. Greenblatt, "the history of literature is always the history of the possibility of literature" (1997: 470 e 478). Talvez este factor, não raro "impensado", ajude a explicar o actual "retorno da história" ao campo dos estudos literários e a abundância da reflexão sobre a teoria da história literária, a par da evidência da impossibilidade de fuga à história, mesmo quando o "fim da história" é escatológica e messianicamente proclamado <sup>19</sup>.

A historicidade das produções culturais e a ausência "di un punto di vista transcendente, fondativo e costitutivo", como observa Guido Guglielmi, torna mesmo incontornável a história literária: "allora non solo è possibile una storia della letteratura, ma è solo possibile una storia della letteratura." (1993: 22). Defensor da Estética da Recepção, G. Guglielmi considera que é necessário que cada geração, porque se altera o seu contexto histórico e o seu horizonte temporal, reescreva a história da literatura (*id.*: 42), consciente da contingência da sua elaboração, fazendo "di ogni spiegazione una figura provvisoria di una polilogia di fondo." (*id.*: 44). Deste modo, "Ed è tanto più produttiva, quanto più è storica, quanto più sappia relativizzarsi e mettersi in crisi. Essere appunto critica." (*ibid.*).

O "retorno" da história literária não é assim propriamente um regresso, na medida em que se alteraram os fundamentos e pressupostos que tinham presidido à sua emergência e os próprios

conceitos de história e de literatura, processando-se entretanto uma profunda renovação dos métodos de análise dos textos literários. O "retorno da história" consiste mais num reaproximar dos textos literários ao seu contexto e historicidade do que propriamente num regresso da história literária do século XIX, na medida em que o que R. Wellek e A. Warren denominam "demanda extrínseca" se encontra agora subordinado à "demanda intrínseca" (s/d) <sup>20</sup>.

Por um lado, é preciso ter em conta que a história literária não esteve de todo abandonada no paradigma formalista-estruturalista, como na fase final do formalismo russo, no estruturalismo checo (sobretudo com Mukarovsky e Vodicka), na semiótica soviética (Escola de Tartu), e com a fenomenologia de R. Ingarden. Aliás, sem a mediação das teorias formalistas, seria de certo modo impensável o actual "retorno", quer em termos teóricos, quer em termos metodológicos. O que não significa que se possam desvalorizar os contributos da hermenêutica, da fenomenologia e da própria historiografia, em particular a partir da "revolução" dos *Annales*.

Dos formalistas russos veio o conceito de sistema literário e a noção de que a sua evolução é complexa e sistemática. Itamar Even-Zohar reclama-se continuador da teoria dos formalistas russos com a sua teoria dos polissistemas (1990: 1), inspirando-se em particular no conceito de "funcionalismo dinâmico": "Literature is thus conceived of not as an isolated activity in society, regulated by laws exclusively (and inherently) different from all the rest of the human activities, but as an integral -often central and very powerful - factor among the latter." (*id.*: 2). Não surpreende que também se tenha inspirado em Lotman e na teoria semiótica, mas não deixa de ser curioso que Even-Zohar considere que P. Bourdieu chegou a conclusões similares às do "funcionalismo dinâmico" dos formalistas (*id.*: 3) <sup>21</sup>.

A própria condenação da história literária elaborada pela estilística visava em particular o modo positivista de fazer história literária. Leo Sptitzer, por exemplo, vê na estilística a oportunidade de "tender un puente entre la lingüística y la historia de la literatura separadas por un abismo." (1974: 26). De igual modo, como observa Michel Jeanneret, a Escola de Genève não rejeitou a história, mas sim o historicismo e o positivismo <sup>22</sup>.

Na renovação da história literária há ainda a destacar os contributos da hermenêutica gadameriana, da fenomenologia (Husserl, Ingarden), da semiótica e em particular da teoria literária, numa encruzilhada em que se coordenam e reorganizam os diversos saberes

(antropologia, sociologia, história-*Annales*) que permitem um enquadramento novo da problemática da história literária: "Thus literary history is again at the turbulent center of literary studies." (Perkins, 1992: 11). No início dos anos oitenta, Aguiar e Silva dava-nos conta de um claro sinal da renovação de paradigmas, da passagem de um paradigma formalista-estruturalista a um paradigma semiótico-comunicacional, com "consequências muito fecundas" (1984: 270), de que se destacam "o reconhecimento da relevância da pragmática da semiose literária" e "da natureza institucional, histórica e social da literatura." (*id.*: 271-2):

"Os 'demónios' da semiose literária, que o paradigma formalista-estruturalista se esforçou por exorcismar, evacuando-os - a história, o referente, o autor, o leitor, a intencionalidade, a ideologia, o poder simbólico...-, reemergem, mas teoreticamente trabalhados" (*id.*: 272).

Para além do estudo da literatura como instituição, já preconizada por R. Barthes (1963) no âmbito do projecto dos *Annales*, nomeadamente numa perspectiva sociológica (Goldmann, Bourdieu, etc.), que nalgumas vertentes recupera a questão da ideologia, como na *Hermenêutica Crítica*<sup>23</sup>, importa realçar o deslocamento da dimensão produtiva (o autor) para o plano da recepção (o leitor), projecto que emergiu de modo sistemático com a *Estética da Recepção* de H. R. Jauss e da "Escola de Constança". No seu estudo programático, Jauss considera ser necessário ter em conta três dimensões da historicidade da literatura, estando presente na segunda a linha inaugurada pelos formalistas e na terceira o programa "tradicional" da história da literatura: "diacronia - a recepção das obras literárias através do tempo; sincronia - o sistema da literatura num dado momento e a sucessão dos sistemas sincrónicos; e, finalmente, a relação entre a evolução intrínseca da literatura e a da História em geral." (1993 [1973]: 83)<sup>24</sup>.

Num segundo momento, mais próximo, a par da crise da literariedade, emergem os *Cultural Studies*, que se repartem pelos domínios da teorização pós-colonial, do multiculturalismo, da desconstrução do cânone e do debate sobre o género, raça e classe. Tal como o *New Historicism*, os Estudos Culturais têm contribuído para o que poderíamos caracterizar como a politização dos estudos literários, no âmbito das "PC [*political correctness*] Wars" (cf. J. Williams, 1995).



O relevo que o paradigma formalista-estruturalista concedeu à vertente textual e estética do fenómeno literário e a "viragem linguística" operada pelo pós-estruturalismo, com o influxo da poética da desconstrução, implicou uma reorientação da perspectiva histórica da literatura. Os *Cultural Studies* e o *New Historicism* <sup>25</sup>, constituem marcos importantes desta reactivação da história literária, mas em vez de dissolverem, como no século passado, os textos no seu contexto, procedem de modo inverso, considerando a história e os contextos das obras como outros tantos textos, alargando o seu objecto de estudo ao que Stephen Greenblatt designou uma "Poética da Cultura". Mas se este textualismo não implica, como no paradigma formalista-estruturalista, uma "fuga à história", funciona claramente como uma espécie de "refúgio na história", num Renascimento idealizado, à semelhança da Idade Média dos românticos, ou da Antiguidade dos renascentistas <sup>26</sup>. Trata-se, de qualquer modo, de um "progresso" que parece fazer-se num permanente recuo, ou como no "Anjo da História" benjaminiano, que impelido a voar pelo vendaval do progresso, vai de costas para o futuro, desejando messianicamente redimir as ruínas que contempla (Benjamin, 1969 [1850]).

Observam-se assim duas tendências principais neste regresso da história literária: a valorização de aspectos sócio-políticos e ideológicos e o privilegiar da dimensão discursiva/textual da construção histórica, o que pode gerar efeitos perversos: se a "diferença" é uma construção textual, as reivindicações identitárias e políticas reduzem-se a jogos discursivos <sup>27</sup>. Nota-se assim, apesar da "viragem linguística", uma clara continuidade de motivações e de práticas discursivas entre o velho e o novo historicismo:

"The movements for liberation of women, blacks, and gays produce literary histories for the same motives, essentially, that inspired the national and regional literary histories of the nineteenth century. These groups turn to the past in search of identity, tradition, and self-understanding." (Perkins, 1992: 9).

Uma das principais diferenças do novo historicismo em relação ao do século XIX verifica-se por influxo directo da renovação do discurso historiográfico e pela sua adopção de "modelos pluralistas do tempo" <sup>28</sup>, que revolucionam a teleologia secularizada da historiografia iluminista e romântica, de matriz hegeliana <sup>29</sup>. A descontinuidade substitui a continuidade e a pluralidade a unidade, como já Curtius sublinhava, exigindo-se que a investigação histórica dê

conta dessas rupturas e saltos: "Reconhecemos que as transformações não se dão continuamente, mas por saltos. Na história, o relevante sucede exactamente segundo a lei da descontinuidade: da evolução criadora." (*apud* Krauss, 1989: 149). Por consequência, a história literária exige "modelos polifónicos", como o da teoria dos polissistemas ou a teoria da "inter-historicidade" de Claudio Guillén (1989: 283-308), que para além da pluralidade temporal e de sistemas dê conta da diversidade e multiplicidade dos objectos a observar, para além do âmbito do nacional e dos blocos periodológicos estabelecidos, oscilando entre a palingénese e o palimpsesto, dando conta das rupturas e recuperações, interrupções e reescritas, da "duração intermitente" do tempo cultural (*id.*: 289) <sup>30</sup>.

## NOTAS

(1)- Estas classificações têm um forte reflexo na organização dos cursos, dos ficheiros das livrarias, das sociedades de estudo, revistas, antologias, colectâneas de ensaios, conferências e linhas de investigação, orientando por força desse agrupamento os próprios processos hermenêuticos: "a classification is also an orientation, an act of criticism." (Perkins, 1992: 62). Ao mesmo tempo, como nota Michel Delon, tornam-se constrições para as instituições e para a investigação (departamentos, agregação, etc.) e suscitam uma nomadização das obras e dos textos (1995: 173):

"La recherche littéraire a ainsi tendance aujourd' hui à se crispier sur une grille de catégories peu problématisées, à savoir l' auteur, le genre, le siècle, auxquels s' ajoute la catégorie même de 'littérature française' " (*id.*: 173-4).

(2)- Como observa Aguiar e Silva, a crise da história literária resultou em parte dos exageros a que conduziu "o método histórico-literário (erudição, factualismo, biografismo, desatenção relativamente aos elementos estéticos, etc.)", mas "foi originada sobretudo pela crise do próprio conceito de história construído pelo Romantismo." (1990: 28). Devido à dependência do discurso da história literária em relação do discurso da história e ao conceito epocal de literatura, a dissolução dos conceitos de historicidade (e da história como ciência) e sociabilidade da literatura implicou necessariamente a dissolução da história literária (Petronio, 1981: XLVI).

Há, porém, um quase inevitável paradoxo nesta contestação do discurso histórico por uma disciplina que é inseparável dele desde a sua emergência. Como sublinha O. Tacca, "La historia literaria aparece hoy como minada. Hasta ayer, cada historia literaria cuestionaba una Historia (la última generalmente a la penúltima); hoy cada Historia literaria cuestiona la Historia." (1968: 25-6).

Philippe Hamon fala, aliás, de uma "ère du soupçon" em todas as disciplinas, destacando o constante pôr em causa da noção de literatura e do discurso da história (1995: 148).

(3)- Cf. Barrento, 1986b: 14-5.

(4)- F. J. V. Pimentel destaca como causas desta subalternização da história literária o enfraquecimento da ideia romântica de nação, o ocaso das grandes narrativas e o cepticismo acerca das lições do passado (1998: 292). No entender de Eva Kushner, "L' impopularité récente de l' histoire littéraire tient *inter alia* à cette identification entre histoire littéraire et tradition" (1989: 121).

(5)- Antoine Compagnon aproxima a modernidade estética (Baudelaire, Nietzsche) da pós-modernidade pelo seu comum desencanto com a história da modernidade iluminista (1991: 368). Por consequência, considera que a modernidade inclui em si o pós-moderno enquanto sentimento de "fim da história" ou "comme refus des logiques du dépassement, des dialectiques du progrès renouvelant, laïcisant les anciens messianismes religieux." (*id.*: 369). Em termos finisseculares, Compagnon admite tratar-se "du retour régulier, de l' éternel retour du doute de l' Occident sur lui-même" (*id.*: 372).

(6)- Segundo João Barrento, "o nosso século nasce sob o signo da hostilidade à história", que conduz à cesura entre literatura e história e entre ciência literária e história literária (1986b: 12), passando-se da valorização da história à "estrutura" e das indagações genéticas às fenomenológicas, tanto na linguística e na filosofia (descritiva, analítica, fenomenológica, intuicionista) como nos estudos literários (filosofia da ciência literária, formalismos, neo-idealismo) e na literatura (modernismo, futurismo) (*id.*: 13).

É preciso, como o faz este autor, ter em conta que a restrição do conceito de literatura à "literariedade" pelos formalistas implica um certo desfasamento actual perante as histórias da literatura românticas, positivistas e idealistas, cujo conceito de literatura era diferente, com pressupostos e implicações muito diversos, tanto em termos essencialistas como pragmáticos.

(7)- O próprio G. Lanson já se mostrava crítico em relação ao ensino da história literária nos liceus: "La littérature se réduit à une sèche collection de faits et de formules, propres à dégoûter les jeunes esprits des oeuvres qu' elles expriment." (1918 [1894]: VI; cf. 1902: 111). Os liceus e os colégios, afirma, estavam cheios de "petits Brunetières qui débitaient en tranches nos quatre siècles de littérature moderne devant des classes passives et mornes. Les élèves n' en tiraient rien que l' habitude d' appliquer des formules apprises par coeur à es ouvrages qu' ils n' avaient pas lus" (Lanson, 1979: 55); "Précédant la lecture à peu près complète ou du moins abondante des textes, le cours d' histoire littéraire est une école de *psittacisme*." (1902: 112).

Num recente diagnóstico da situação escolar, Aguiar e Silva afirma que "Não é com o ensino da história literária -e, sobretudo, não é com o ensino de uma esquelética, esquemática e dogmática história literária- que se seduzem e formam leitores e que se educa o gosto estético-literário." (1998/99a: 27).

Roman Jakobson, em "La nouvelle poésie russe" [1921], comparava o historiador da literatura a um polícia ineficaz: "Jusqu' à maintenant, les historiens de la littérature ressemblent (...) à cette police qui, se proposant d' arrêter quelqu' un, saisit à tout hasard tout ce qu' elle trouverait dans la maison, de même que les gens qui passent dans la rue. Ainsi les historiens de la littérature se servaient de tout (...). Au lieu d' une science de la littérature, on créait un conglomérat de recherches artisanales." (1973: 15).

No âmbito da estilística, Dámaso Alonso, ao considerar que as histórias literárias são vastas necrópoles, em que jazem lado a lado obras-primas e obras medíocres (1974: 205), faz do historiador positivista uma espécie de guarda de cemitério: "A instituição académica está a tentar preservar uma ficção, porque estes livros não existem realmente: estão mortos " (id.: 613).

(8)- Cf. Paul de Man (1983: 142-65), Eduardo Prado Coelho (1982: 295-312) e F. J. V. Pimentel (1991: 28).

(9)- O. Tacca diz mesmo que a obra literária não é nem histórica nem ahistórica, é extrahistórica, i.e., é aquilo que por essência se situa fora da história e a transcende, ao mesmo tempo que nasce com ela (1968: 27, 32, 142-8, 171). Por vezes, a relação do texto literário com o tempo histórico é mesmo de conflito e oposição. A arte, como sublinha J. P. Coelho a propósito do *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende, não se limita a reflectir o real, é um meio de fugir ao real, de engendrar um mundo diferente, uma compensação para os males e limitações da vida (s/d: 69). Deste modo, há que ter em conta que "il y a dans le prétendu reflet littéraire des phénomènes de réfraction et de distorsion très difficiles à maîtriser." (Genette, 1972b: 16).

(10)- É com uma expressão semelhante que Wellek inaugura o seu prefácio à obra de De Sanctis, mas para a isentar da aporia que denuncia: "Gran parte delle storie letterarie o non sono storie. Sono o la storia sociale di un paese, per la quale la letteratura serve solo da documento, o una serie di saggi critici, disposti in ordine cronologico." (1990: I). G. Genette critica os manuais de história literária do ensino secundário em termos semelhantes: "il s' agit là, en fait, de suites de monographies disposées dans l' ordre chronologique. (...) la meilleure suite de monographies ne saurait constituer une histoire." (1972: 14). Idêntica crítica é formulada por Barthes (1979).

Numa síntese da questão, F. J. V. Pimentel destaca esta "lateralização" da dimensão estética: "E sabe-se também que a história literária positivista só podia ter sido a história daquilo que a literatura nunca foi: uma monumental colecção de factos alheios ao presente do observador, ilusoriamente apreendidos 'tal como foram'." (1991: 28-9).

Como afirma David Simpson, a história literária é a "história de tudo" (1999: 5), arriscando-se assim a não ser a "história de nada" (id.: 10), mas é nessa amplitude que parece residir a sua melhor justificação (id.: 13).

(11)- Croce, como nota Wellek, não obstante considerar De Sanctis como seu precursor na defesa do estético, recusa, em nome da autonomia do fenómeno estético, a história literária e as classificações artísticas e dos géneros (Wellek, 1990: XIX).

(12)- A monografia era, a seu ver, a única forma de salvaguardar "l' accento proprio e individuale delle opere d' arte, quello che le fa opere d' arte, inconfondibili l' una con l' altra"; "non c' è altro partito che svolgere in modo conseguente la storia individualizzante e trattare le opere d' arte non in relazione alla storia sociale, ma ciascuna come un mondo a sé, in cui confluisce di volta in volta tutta la storia, trasfigurata e sorpassata, per virtù della fantasia, nell' individualità dell' opera poetica, la quale è una creazione e non un riflesso, un monumento e non un documento." (1996 [1928]: 285; cf. 1994 [1936]: 139).

(13)- Jacinto do Prado Coelho é dos primeiros em Portugal a aflorar a questão: "apenas encarei de modo problemático a história da literatura, convencido de que só em certo sentido é a literatura objecto historiável: na exacta medida em que se prende à história das ideias, em particular das ideias literárias, à história duma sociedade ou de grupos sociais, à história (biográfica) dos autores, ou ainda na medida em que as leituras da obra literária se vão sucedendo no tempo, condicionadas por diferentes conjunturas socio-culturais e mutuamente se influenciando." (s/d: 9-10).

Para uma síntese das questões suscitadas pela articulação da literatura com a história cf. Philippe Hamon (1995: 140-1).

(14)- A grandes obras literárias transcendem a temporalidade em que se realizam e não seguem a lógica aparente da história. João Barrento deduz daí as limitações da indagação histórica da literatura: "aí não tem lugar a noção de *aufklärer* (setecentista), liberal (oitocentista) e tecnocrática (novecentista) de progresso, aplicável, e aplicada, às sociedades, às ciências e às tecnologias: isso significa que a arte e a literatura do passado (ou pelo menos alguma dessa arte) são recuperáveis, fruíveis, 'utilizáveis' hoje", sem que se digam anacrónicas e ultrapassadas (1986b: 9).

(15)- De acordo com G. Genette, em "Poétique et histoire", a única história literária possível é a das formas, ou seja, dos códigos retóricos, das técnicas narrativas, das estruturas literárias codificadas, da metáfora à rima. Por isso, é apologista de uma história das formas literárias, na sua permanência e transformação, "une histoire de la littérature prise en elle-même (et non dans ses circonstances extérieures et pour elle-même (et non comme document historique)" (1972b: 17).

Porém, como sublinha Eva Kushner, a valorização intrínseca da literatura conduz frequentemente à sua "desistorização" (1989: 115). Assim, a verdadeira questão parece resultar da diferença entre o paradigma filológico e os outros modos de pensar a literatura, entre a História e a Poética.

(16)- Bahti reconhece a necessidade de pensar a literatura nas suas estruturas e operações, em termos teóricos (v.g. N. Frye e P. de Man), sem negar a sua história, na qual emerge, e sem cair no historicismo. Considera, no entanto, que os estudos de de N. Frye e de Paul de Man não são teorias "pós-históricas":

"Reading literature after history would seem to be to read everything that is there, in its history, and the nothing that, then, is. No longer history, no longer a story, but the unknow no-thing of literature' s being known otherwise. And *this* would be literature, allegory, and reading after Hegel." (*id.*: 293).

(17)- T. Bahti analisa lucidamente esta contradição entre a crise da história literária e a sua persistência escolar:

"the curricula, the classrooms, and the scholarly journals' pages would soon enough repose themselves on familiar historicism cushions and headrests, believing these to be foundations, for I assume that the majority of university professors of literature will quite understandably prefer a sense of certainty that may be false to an uncertainty that may be true. And so I do not see any present institutional alternative to literature's university teaching and scholarship (*Wissenschaft*) massively construed and delimited by historicism as I have tried to analyze it in this book." (1992: 291).

(18)- Cf. M. L. Ferraz (1993/94). Siegfried Schmidt começa a sua proposta empírica sobre a escrita das "histórias da literatura" com esta questão: "Escribir historias de la literatura: Un proyecto necesario e imposible ? " (1995 [1985]: 245).

É necessário distinguir a questão da "possibilidade" da disciplina e da possibilidade de existirem obras de história literária. Assim, para David Perkins, a verdadeira questão é saber se a disciplina pode ser intelectualmente respeitável, pois na prática "Hundreds of books and articles testify every year that literary history can be written." (1992: 12). Aliás, G. Gorni regista em tom crítico o que considera ser a produção excessiva de histórias da literatura italiana (de cinco em cinco anos) (1995: 79-86).

A questão da possibilidade da história literária passa assim por uma "história crítica" da história literária tradicional, dos seus conceitos, taxinomias e "cânones nacionais: "Quienes pretendan hacer una historia literaria con plena consciencia de la historicidad de la literatura y de la suya propia tendrán que confrontar la historiografía tradicional e insistir en la rigurosa imposibilidad de pensar *eso*." (Baker, 1990: 18). Daí a dificuldade acrescida da história literária: "Can literary history then explore and deploy both an object-language (in accordance with the older positivist dream of literary history) and a meta-language (in the terms of the contemporary reflexive turn) ? " (Méchoulan e Prendergast, 1999: 3-4).

Esta "impossibilidade" pode ainda ler-se à luz da incompatibilidade que Uwe Jaap assinala: "Few disciplines have, apparently, so little to do with each other as the writing literary history and the theory of literary history." (*apud* Perkins, 1992: 12, n. 23). De qualquer modo, para Schulz-Buschhaus, "Dietro questo paradosso, cioè al moltiplicarsi di ricerche individuali e di riflessioni metodologiche, e alla contemporanea dissoluzione della storia letteraria in forma enciclopedia o antologica, sembra celarsi un dilemma più profondo." (1990: 174).

(19)- Em termos genéricos, pode pensar-se na famosa tese do "fim da história" de Francis Fukuyama (1992), posta ao serviço do neoliberalismo, que parte da interpretação hegeliana de Kojève (com o conceito de *pós-história*) (1992: 22). No entanto, a ideia do "fim da história" é uma projecção secularizada da escatologia cristã. Por isso, como nota H. Gumbrecht, o "discurso finissecular" é um "discurso ambicioso", na medida em que contém a exigência de um prognóstico e de uma redenção (a extinção de um mundo e a instauração de um mundo novo)(1993/94: 15).

(20)- Parece-nos que o actual momento de "retorno da história" não anula as observações críticas de R. Wellek, uma vez que este retorno se caracteriza sobretudo por uma acentuada reflexão sobre a teoria e a história da história literária e por uma escrita de natureza ensaística (sem as pretensões totalizantes da história literária oitocentista), o que põe em causa a possibilidade de estas obras serem consideradas "história". David Perkins caracteriza esta forma de história literária como pós-moderna e de natureza enciclopédica, em contraponto com a forma narrativa tradicional. Ela apresenta-se como uma colecção de ensaios em que se evita deliberadamente a sequência e a coerência, não obstante um certo respeito pela ordem cronológica, como sucede com a *Columbia Literary History of the United States* (1987) e a *New History of French Literature* (1989) (Perkins, 1992: 53-60). Apesar das virtualidades que entrevê nesta formulação, Perkins considera-a insuficiente: "Because it aspires to reflect the past in its multiplicity and heterogeneity, it does not organize the past, and in this sense, it is not history." (*id.*: 60). Em

relação a esta última, Stephen Greenblatt adota uma posição similar: "The model of a *New History of French Literature* is exciting, but I think that the extraterritoriality and deliberate fragmentariness that enable it to break with the traditional enterprise of literary history also limit its capacity to capture long-term strategies of transformation, evasion, negotiation, and exchange." (2001: 60).

(21)- A "escola de Tel-Aviv" de Even-Zohar (cf. 1990 e 2000) tem em José Lambert um dos seus destacados representantes e em Clément Moisan (1987, 1990) um dos seus maiores defensores. M. Iglesias Santos (1994) chega mesmo a aproximar a teoria dos polissistemas dos "estudos empíricos da literatura" (produção, mediação-difusão, recepção, pós-processamento/transformação) do grupo NIKOL, que considera como uma reorientação da Estética da Recepção, realizada pela mediação de Norbert Groben. Para a teoria dos polissistemas cf. Iglesias Santos (ed.) (1999).

O ilustre comparatista das *Multiplies Moradas*, Claudio Guillén, põe em destaque a articulação entre os polissistemas e o políglotismo enquanto modelos polifónicos válidos para uma teoria da "inter-historicidade" (1989). É de sublinhar a articulação entre a teoria dos polissistemas e a teoria da tradução, na medida em que os seus principais teorizadores têm em comum o facto de pertencerem a países bilingues e por consequência polissistémicos em termos linguísticos, literários e culturais, exercendo um salutar esforço de "comparatismo intra-nacional".

(22)- "Mais ce qui a été dit ici de Raymond, ce que l'on connaît de Jean Starobinski et de Jean Rousset prouve qu'une histoire sensible aux enjeux intellectuels et aux créations de l'imaginaire y a sa place. L'histoire culturelle, l'histoire des mentalités, l'histoire des représentations symboliques nous paraissent aujourd'hui aller de soi. Revendiquer ce champ d'investigation à l'époque même où étaient créés les *Annales*, c'est une des audaces de l'École de Genève qu'on oublie un peu vite." (Jeanneret, 1995: 63).

(23)- Cf. Barrento (1986a). Peter Hohendhal destaca que até cerca de 1980 não havia grande interesse na questão da formação dos cânones nacionais nem no conceito de literatura como instituição, e que foi a Teoria Crítica que impulsionou uma abordagem política. Embora este historiador deseje evitar o modelo base/superestrutura, que, no seu entender, falseia a investigação, não se situa longe do *new historicism*, interessando-lhe sobretudo a questão da instituição literária (1989: viii).

(24)- Para Paul de Man, as tentativas para resolver a incompatibilidade entre as análises formais ou estruturais da Poética e as interpretações simbólicas da Hermenêutica definem a história da teoria literária e traçam o seu permanente desenvolvimento conflitivo (1989: 79-99).

(25)- Os seus pressupostos e fundamentos filiam-se respectivamente na tradição positivista (marxismo) e (neo)formalista, inspirando-se os primeiros na Escola de Frankfurt e os segundos na desconstrução derridiana. Em ambos os casos, a literatura funciona como "documento", embora no *New Historicism* a história seja absorvida pela textualidade em que se configura, num processo que inverte os pressupostos formalistas e se traduz na "textualização" da história literária e numa recondução a um conceito amplo e extensivo da literatura, justificando que se procure nos textos a circulação da "energia social" (cf. Wheeler, 1993: 239-41).

Mas é preciso ter em conta que o termo "novo historicismo" agrupa, como refere F. J. V. Pimentel, um conjunto diversos de práticas com alguns traços em comum: revalorização dos contextos, abandono do teleologismo e escatologismo oitocentistas, centralidade dos estratagemas e estratégias retóricas, atenção à historicidade dos textos e à textualidade da história, defesa da ideia de que a cultura é uma força activa na história e não um mero reflexo dela, recusa de periodização que minimize a diferença e a alteridade, recusa de fronteiras entre discursos e do estabelecimento de hierarquias entre diferentes tipos de textos (1998: 296).

(26)- Terry Eagleton afirma que a ênfase que o *New Criticism* pôs na *close reading* revela a tentativa de fuga à realidade dos seus membros, uma espécie de refúgio numa imagem idílica do Sul agrário do passado perante o crescimento do Norte industrial e urbano (1983, cap. I: 40-6). É similar o diagnóstico de Alain Liu a propósito do *New Historicism* e da sua análise da "subversão do poder" na Renascença, que segundo A. Liu não passa de uma projecção no passado dos valores dos *new historicists* e de uma forma de refúgio perante uma sociedade que marginaliza o intelectual pós-moderno (1989: 740, 768-n. 62). A "subversão" e o estudo do "poder" seriam assim um sintoma de impoder (*id.*: 747; cf. 749 e 752). Cf. Perkins, 1992: 9.

(27)- H. Grumbrecht considera que a ausência de certezas quanto à possibilidade cognitiva de uma referência ao mundo implica o abandono de qualquer reivindicação sobre as funções práticas da historiografia e do conhecimento histórico. É com este desafio, afirma Grumbrecht, que se tem confrontado o *New Historicism*, no "clima severo da 'correção política'", pelo que pensa que a expressão "poética da história", de Greenblatt, é indefensável, "por parecer revelar uma ausência de responsabilidade moral." (1994: 12). Cf. Scholes (1991).

(28)- F. J. V. Pimentel oferece-nos em síntese a variedade de designações e conceitos que convergem nesta concepção polifónica da temporalidade e que poderíamos comparar com concepções similares nas teorias do caos e das catástrofes: " 'não simultaneidade do simultâneo" (Grumbrecht), "aglomerado de durações" (Guillén), "multidimensionalidade temporal" (Uhlir), "diversidade na simultaneidade" (Barrento), "variedade heterogénea das obras simultâneas" (Jauss). A sucessividade e horizontalidade devem ceder o seu lugar à verticalidade, à estratigrafia, à 'tabularidade' - ou devem com estas estabelecer sólidos vínculos dialécticos: "Brief durations, extended durations, as well as a number of intermediate processes, occur or 'flow' together within the limits of a unit of chronology" (Guillén) (Pimentel, 1991: 29).

Como refere João Barrento, esta visão não linear transforma a visão da história num processo complexo de sucessividade e simultaneidade, con-temporaneidades e ex-temporaneidades, passando-se de uma concepção globalizante e hegeliana para uma história vista como complexo serial de histórias diversas, articuladas em epistemas, compostas pela diversidade e com movimentos de sentido diversos, concebida assim como centrífuga, descentralizadora e complexa, pela consciência que revela da diversidade na simultaneidade (1986a: 26-7).

J. Prado Coelho mostra-se lucidamente consciente da polifonia da temporalidade literária e da contemporaneidade do não-contemporâneo: "Para além de esquemas de compêndio, em todas as épocas divisamos drama, conflitos; todas se definem por certo equilíbrio, mais ou menos instável, de forças divergentes, umas em curva ascendente, outras em curva descendente."; a realidade surge "como rede de conexões extremamente complexa." (um autor do séc. XVII pode ser decisivo noutra do séc. XX) (s/d: 43). Nesta óptica, envereda pela



renovação operada pela Estilística, pelo estudo das "obras em si mesmas", para as integrar "numa família de obras" cujo denominador comum forneceria a chave da compreensão culturoológica de uma época (*id.*: 44).

(29)- "Um processo tão complexo - que postula poliglotismo, direcções várias, continuidades e descontinuidades, camadas coexistentes, heterogéneas e conflituantes - exclui o predomínio de conceitos de índole teleológica que, na sua vivência quotidiana, as sociedades contemporâneas estão ainda longe de poder dispensar: exaltação do progresso, movimentação 'para diante', missão pedagógico-legitimadora das histórias e literaturas nacionais." (Pimentel, 1991: 30).

(30)- A "inter-historicidade" implica no mínimo comparar dois sectores do tempo histórico para estabelecer entre eles conexões de carácter estrutural, como a analogia, a variação, a recuperação, a intermitência e a contraposição, sem partir de esquemas prévios ou seguir tão pouco uma cronologia linear, centrada nas noções de origem, evolução e fim (*id.*: 283), de modo a observar relações intertemporais e interculturais e conexões inter-históricas, como inversões e oposições entre períodos sucessivos (*id.*: 294; cf. 305).

## Bibliografia

AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel de (1984)- "Teorização literária", *Actas do X Encontro de Professores Universitários Brasileiros de Literatura Portuguesa; I Colóquio Luso-Brasileiro de Professores Universitários de Literaturas de Expressão Portuguesa*. Lisboa/Coimbra/Porto: Instituto de Cultura Brasileira/Universidade de Lisboa, pp. 259-273.

\_\_\_\_\_(1990)-*Teoria e Metodologia Literárias*. Lisboa: Universidade Aberta.

\_\_\_\_\_(1998/99)- "Teses sobre o ensino do texto literário na aula de Português", *Diacrítica*, 13-4: 23-31.

BAHTI, Timothy (1992)- *Allegories of History: Literary Historiography after Hegel*. Baltimore/London: Johns Hopkins U. P.

BAKER, Edward (1990)- "La problemática de la historia literaria", in ALDARACA, Bridget;

BAKER, Edward e BEVERLY, John (ed.s) (1990)- *Texto y Sociedad: Problemas de Historia Literaria*. Amsterdam/Atlanta: Ed. Rodopi B. V., pp. 11-8.

BARRENTO, JOÃO (ed.) (1986)- *História Literária - Problemas e perspectivas*, 2ª ed. Lisboa: apáginastantas.

BARTHES, Roland (1979)- "Histoire ou littérature ?", *Sur Racine*, pp. 137-57. Paris: Seuil [1960].

BENJAMIN, Walter (1969)- "Theses on the Philosophy of History", *Illuminations*. New York: Schocken Books, pp. 253-264 [1950].

- CALINESCU, Matei (1977)- *Faces of Modernity: Avant-garde, Decadence and Kitsch*. Bloomington: Indiana U. P.
- COELHO, Eduardo Prado (1987)- *Os Universos da Crítica*. Lisboa: Ed. 70.
- COELHO, Jacinto do Prado (s/d)- *Problemática da História Literária*, 2ª ed. revista e aumentada. Lisboa: Ática [1962].
- COMPAGNON, Antoine (1991)- "D' un fin de siècle à l' autre", *Dedalus*, 1: 367-376.
- CROCE, Benedetto (1994)- *La Poesia. Introduzioni alla Critica e Storia della Poesia e della Letteratura*, org. G. Galasso Milano: Adelphi Edizioni [1936].
- \_\_\_\_\_(1996)- *Filosofia - Poesia - Storia*, org. G. Galasso. Adelphi Edizioni.
- DÁMASO ALONSO (1974) - *Poesía Española* , 6ª ed. Madrid: Gredos.
- DÉLON, Michel (1995)- "Quelques Remarques sur les Objets de L' Histoire Littéraire en France Aujourd' hui", *Revue d' Histoire Littéraire de la France - Colloque du Centenaire* (1995), 6: 171-5.
- DERRIDA, Jacques (1980)- "The Law of Genre", *Critical Inquiry*, 7: 55-81.
- EAGLETON, Terry (1983)- *Literary Theory. An Introduction*. London: Basil Blackwell.
- EVEN-ZOHAR, Itamar (1990)- "Polysystem Studies", *Poetics Today*, 11 (1). Duke University Press.
- \_\_\_\_\_(1999)- "Factores y Dependencias en la Cultura. Una Revisión de la Teoría de los Polissistemas", in Iglesias Santos (ed.) (1999), pp. 23-52 [1997].
- FUKUYAMA, Francis (1992)- *O Fim da História e o Último Homem*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- GENETTE, G. (1972b)- "Poétique et histoire", *Figures III*. Paris: Seuil, pp. 13-20.
- GORNI, Guglielmo (1995)- "Il testo e la storia", in ROSA, Alberto Asor (ed.) (1995), pp. 79-98.
- GREENBLATT, Stephen (1997)- "What Is the History of Literature ?", *Critical Inquiry*, 23 (3): 460-81.
- \_\_\_\_\_(2001)- "Racial Memory and Literary History", *PMLA*, 116 (1): 48-63.
- GUGLIELMI, Guido (1993)- *La parola del testo. Letteratura come storia*. Bologna: Il Mulino.
- GUILLÉN, Claudio (1989)-*Teorías de la Historia literaria (Ensayos de Teoría)*. Madrid: Espasa-Calpe.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich (1993/1994)- "Depois de Aprender com a História", *DEDALUS*, 3/4: 9-27.
- HAMON, Philippe (1995)- "Histoire littéraire et Linguistique", *Revue d' Histoire Littéraire de la France - Colloque du Centenaire* (1995), 6: 139-149.
- HOHENDAHL, Peter Uwe (1989)- *Building a National Literature. The Case of Germany, 1830-1870*. Ithaca and London: Cornell U. P. [1985].
- IGLESIAS SANTOS, Monserrat (1994)- "El sistema literario: Teoría Empírica y Teoría de los Polissistemas", in DARÍO VILLANUEVA (ed.) (1994a), pp. 309-56.
- \_\_\_\_\_(ed.) (1999)- *Teoría de los Polissistemas*. Madrid: Arcos/Livros.
- JAKOBSON, Roman (1973)- *Questions de poétique*. Paris: Seuil.

- JAUSS, Hans Robert (1993)- *A Literatura como Provocação (História da Literatura como provocação literária)*. Lisboa: Vega [1973].
- JEANNERET, Michel (1995)- "L' École de Genève ?", *Revue d' Histoire Littéraire de la France - Colloque du Centenaire* (1995), 6: 54-63.
- KRAUSS, Werner (1989)- *Problemas Fundamentais da Teoria da Literatura*. Lisboa: Caminho [1968].
- KUSHNER, Eva (1989)- "Articulation historique de la littérature", in ANGENOT *et alii* (ed.s) (1989)-*Théorie Littéraire. Problèmes et Perspectives*. Paris: P.U.F., pp. 109-125.
- LANSON, Gustave (1902)- *L' Université et la Société moderne*. Paris: Librairie Armand Colin.
- \_\_\_\_\_ (1918)- *Histoire de la Littérature Française*, 14<sup>a</sup> ed. revista. Paris: Hachette [1894].
- \_\_\_\_\_ (1979)- *Méthodes de l' Histoire Littéraire*. Paris/Genève: Slatkine Reprints.
- LIU, Alain (1989)- "The Power of Formalism: The New Historicism", *English Literary History*, 56 (4): 721-771.
- de MAN, Paul (1983)- "Literary History and Literary Modernity", *Blindness and Insight*, 2<sup>a</sup> ed., pp. 142-65.
- \_\_\_\_\_ (1989)- *A Resistência à Teoria*. Lisboa: Ed. 70.
- MÉCHOULAN, Eric e PRENDERGAST, Christopher (1999)- "Introduction", *SubStance*, 88: 3-4.
- PERKINS, David (1992)- *Is Literary History Possible ?* Baltimore/London: The Johns Hopkins U. P.
- PETRONIO, Giuseppe (ed.) (1981)- *Teorie e realtà della storiografia letteraria. Guida storica e critica*. Roma/Bari: Laterza.
- \_\_\_\_\_ (ed.) (1990)- *Storiografia letteraria in Italia e Germania. Tradizioni e problemi attuali*. Firenze: Leo S. Olschki.
- PICHOIS, Claude (1995)- "De l' histoire littéraire", *Revue d' Histoire Littéraire de la France - Colloque du Centenaire* (1995), 6: 21-8.
- PIMENTEL, F. J. Vieira (1991)- *Literatura Portuguesa e Modernidade. Ensaio sobre os séculos XIX e XX*. Ponta Delgada: Ed. do Autor.
- \_\_\_\_\_ (1998)- "Em torno das literaturas nacionais: algumas considerações", *Arquipélago. Línguas e Literaturas*, XV: 281-318.
- RAMOS-GASCÓN, Antonio (1989)- "Historiologia e invención historiográfica: el caso del 98", in REYES, Graciela (ed.) (1989)- *Teorías literarias en la actualidad*. Madrid: El Arquero, pp. 203-228.
- SCHMIDT, Siegfried (1995)- "Escribir Historias de la Literatura. Algunas Observaciones desde un Punto de Vista Constructivista", *Teoría/Crítica*, 2: 245-69 [1985].
- SCHOLES, Robert (1991)- *Protocolos de Leitura*. Lisboa: Ed. 70 [1989].
- SCHULZ-BUSCHHAUS, Ulrich (1990)- "De Sanctis e Croce: storia o enciclopedia della letteratura", in PETRONIO (ed.) (1990), pp. 173-88.

SIMPSON, David (1999)- "Is Literary History the History of Everything ? The Case for 'Antiquarian' History", *SubStance*, 88: 5-16.

SPITZER, Leo (1974)- *Lingüística e Historia Literaria*, 2ª ed. Madrid: Gredos.

TACCA, Óscar (1968)- *La Historia Literaria*. Madrid: Gredos.

WEINRICH, Harald (1995)- "Histoire littéraire et mémoire de la littérature: l' exemple des études romanes", *Revue d' Histoire Littéraire de la France - Colloque du Centenaire* (1995), 6: 65-73.

WELLEK, René (1983)- "El ocase de la historia literaria", *Historia literaria. Problemas y conceptos* (selecção de Sergio Beser). Barcelona: Laia, pp. 245-60 [1982].

\_\_\_\_\_(1990)- "Introduzione" a De SANCTIS (1990), pp. I-XXV.

WELLEK, René e WARREN, Austin (s/d)- *Teoria da Literatura*, 5ª ed. Lisboa: Publicações Europa-América [1948].

WHEELER, Kathleen M. (1993)- *Romanticism, Pragmatism and Deconstruction*. Oxford, Cambridge: Blackwell.

WILLIAMS, Jeffrey (ed.) (1995)- *PC Wars. Politics and Theory in the Academy*. New York/London: Routledge.